

[AUTO]RETRATOS CONFESSIONAIS: UMA NARRATIVA DE EXISTÊNCIA E MORTE

ANGÉLICA WEBER FALKE DAIELLO¹;
ANGELA RAFFIN POHLMANN²

¹UFPEL – angelicawfd@gmail.com

²UFPEL – angelapohlmann.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se desenvolve no Mestrado em Artes Visuais da UFPEL, e tem como objetivo a elaboração de um trabalho artístico híbrido que transita entre o retrato fotográfico e o relato biográfico, visando a reflexão sobre a formação subjetiva da autoimagem na contemporaneidade, em suas dimensões filosóficas, psicológicas e mitológicas. O trabalho é permeado pela busca de elementos íntimos aos sujeitos, necessidades internas soterradas, naufrágios diários e potencialidades de expressão artística a partir do jogo de espelhos formado entre o corpo e a fotografia, entre o relato e a escuta.

O projeto busca uma conexão entre a fotografia e os mitos do espelho, sobretudo *Narciso* e *Medusa*, na intenção de sondar as raízes míticas da relação que estabelecemos com nossa própria imagem. No livro, *O ato fotográfico*, o pintor belga Philippe Dubois dedica um capítulo à reflexão acerca dos mitos relacionados ao espelho. Ao comentar o texto de Filóstratos, o primeiro a descrever a pintura de Narciso, Dubois enfatiza a duplicidade de superfícies de que já falava Alberti: "Essa fonte pinta os traços de Narciso, *como* a pintura pinta a fonte, o próprio Narciso e toda a sua história" (ALBERTI apud DUBOIS, 1993. p. 143). Dubois conclui:

[...] então o que reflete [a pintura de um retrato] será sempre a imagem do espectador que a observa, que nela se observa. Sou, portanto, sempre eu que me vejo no quadro que olho. Sou (*como*) Narciso: acredito ver um outro, mas é sempre uma imagem de mim mesmo [o que vejo no quadro que observo]. O que a proposta de Filóstrato nos revela finalmente é que *qualquer olhar para um quadro é narcísico*. (1993, p. 143).

Na intenção de fazer deste um trabalho confessional e biográfico dos sujeitos, um dos pontos de reflexão será analisar as possibilidades da fotografia em relação às suas potências e limites. Para tal reflexão, utilizaremos o conceito da "fotografia como índice" trabalhado pelo semiólogo francês Roland Barthes (2015), em sua obra *A câmara clara*. Índice é um tipo de signo que mantém uma conexão física com seu referente. Enquanto índice, uma fotografia aponta uma existência, algo que foi em um dado momento da forma fotografada, nada além disso, segundo o autor, mas justamente essa característica, essa conexão física tangível mesmo que pueril garante a essa linguagem a possibilidade de um ato confessional, de um atestado: "Neste momento, e só nesse, estou aqui e sou assim". Quanto à conexão da fotografia com o seu referente, afirma Barthes (2015, p.70): "A foto é literalmente uma emanção do referente. De um corpo real, que estava lá, partiram radiações que vem me atingir, a mim, que estou aqui; pouco importa a duração da transmissão; a foto do ser desaparecido vem me tocar como os raios retardados de uma estrela".

Por conta dessas características da fotografia, o retrato traz em si, e para além de si, o espelho, o espelhar-se, o olhar-se, o reconhecimento de si e a coragem de expor a nudez do corpo com suas formas e volumes, com

suas linhas singulares de luz e sombra, da alma com seus timbres e matizes de emoções, pensamentos, sentimentos, desejos e rejeições.

Por fim, assim como a fotografia é atestado de um certo momento da existência, toda a fotografia é também uma escolha, um recorte, uma suspensão e um congelamento, o registro de um momento eternizado, sem vida, de certa forma atestando ou prevendo, de fato antecipando a morte, como lembra Barthes (2015, p.) quando, falando sobre os três aspectos de uma foto, Operator, Spectator e Spectrum (simulacro do referente), se demora sobre esse último dizendo: " [...] que de bom grado eu chamaria de Spectrum da Fotografia, porque essa palavra mantém, através de sua raiz, uma relação com "espetáculo" e a ele acrescenta essa coisa um pouco terrível que há em toda fotografia: o retorno do morto." Esse conceito trata da ideia que toda fotografia suspende e congela o tempo, eternizando um referente que nunca mais estará lá, um momento que nunca mais acontecerá.

2. METODOLOGIA

O trabalho começa com a escolha de um grupo heterogêneo e diversificado, formado a partir de chamada pública para voluntariado.

A partir dessa escolha, o projeto busca compor um trabalho artístico biográfico no formato de Álbum memorial colaborativo de retratos e relatos captados por vídeo, retratos antigos e escrita que formam uma narrativa subjetiva da auto percepção desses sujeitos, de como eles se percebem enquanto presença visual no mundo. A pesquisa é qualitativa e busca através de entrevistas projetivas alcançar camadas profundas de significação e densidade emocional.

A intenção é tornar visível as referências estéticas, psicológicas e fenomenológicas das quais os sujeitos se utilizam para fazer a leitura de si mesmos, bem como questionar, tematizar e relativizar esses juízos, estereótipos e arquétipos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto está em fase inicial de revisão bibliográfica sobre os principais conceitos, temas e autores que contribuem para a discussão teórica. Cito como conceitos e temas a formação da autoimagem, mitos do espelho, fenomenologia da fotografia, subjetividade do sujeito contemporâneo, bem como metodologias de composição híbrida de trabalhos artísticos. Os principais autores com os quais o projeto dialoga, além de Barthes (2015) e Dubois (1993), são W. J. T Mitchell (2005) , com as teorias da imagem e mitos do espelho, e William James (2014) que desenvolveu os conceitos de autoimagem e autoconceito.

p

4. CONCLUSÕES

Por ser um trabalho em fase inicial, não é possível uma conclusão, e sim um apontamento da direção na qual o trabalho se desenvolve. Nesta fase, já é possível perceber que existe um universo de possibilidades de abordagem e pontos de vista que podem ser utilizados na contribuição da discussão e tematização a cerca de um assunto ainda nebuloso, rico, diversificado e que suscita tantas divergências e desdobramentos comportamentais como a formação, representação e exposição da autoimagem.



5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, R. **A Câmara clara**. Rio de Janeiro, RJ : Nova Fronteira, 2015.

DUBOIS, P. **O ato fotográfico**. Campinas, SP : Papirus, 1993.

JAMES, W. **The principles of psychology**. Canadá: Kobo Editions, 2014.

MITCHELL, W. J. T. **What do Pictures Want? The lives and Loves of Images**. Chicago: The University of Chicago Press, 2005.